

Dólar fecha a 1,75 com queda pelo 2º dia consecutivo

Desde sexta-feira, cotação da moeda americana já recuou 16,7%. Títulos da dívida externa têm alta de 1,08% ontem

Marcelo Aguiar

• A indicação de Armínio Fraga para a presidência do Banco Central deu novo ânimo ao mercado e ajudou o dólar a fechar em queda pelo segundo dia consecutivo no país. A cotação da moeda cedeu de R\$ 1,91, na segunda-feira, para R\$ 1,75 no fechamento de ontem, com queda de 8,4%. Desde sexta-feira, a queda acumulada do dólar é de 16,7%. A escolha de Armínio foi recebida como um sinal de que o BC atuará com pulso mais firme na administração da política cambial e terá um operador eficiente à sua frente. Alguns bancos voltaram até a oferecer crédito a exportadores sob a forma de ACCs (Adiantamentos de Contrato de Câmbio), operação ausente do mercado desde o dia 12 passado.

O mercado abriu o dia com o dólar abaixo de R\$ 1,80, puxado por bancos que apostavam na volta de Armínio para o BC e venderam grandes lotes da moeda, acreditando na boa recepção do mercado. As instituições financeiras que têm acesso a crédito internacional (os maiores bancos brasileiros e os de controle estrangeiro) aproveitaram o aumento do limite para se endividarem em dólares, que foi elevado em mais de dez vezes na segunda-feira, e entraram vendendo dólares no mercado.

Banco do Brasil ofereceu dólares a grandes bancos

Um dos bancos que mais incentivou esse movimento foi o Banco do Brasil, oferecendo crédito em dólares para os grandes bancos. Essas instituições pegavam o empréstimo, vendiam a moeda no mercado à vista e imediatamente compravam contratos futuros do dólar, que estavam mais baratos. O dólar futuro que vence no fim do mês fechou a R\$ 1,755, abaixo do preço da moeda à vista e dez centavos abaixo do fechamento de ontem do mercado futuro.

A indicação de Armínio Fraga foi suficiente também para esvaziar um boato que vinha rondando o mercado há três semanas: o de que o país poderia fazer uma reestruturação de sua dívida pública, dando prejuízo aos investidores. Os analistas não creem que Armínio se arrisque a arranhar seu prestígio no exterior com uma decisão desse tipo.

O BC abandonou ontem mesmo a política de alta diária dos juros que havia sido implantada há uma semana por Francisco Lopes. A taxa do *overnight* ficou em 39% ao ano, como na véspera, e os juros indicados nos contratos futuros de DI desabaram na mesma hora. O contrato para o fim do mês saiu de uma taxa de 50% ao ano, na véspera, para 41,15% no fechamento de ontem.

A indicação de Armínio teve recepção ainda melhor no mercado externo, onde seu nome é conhecido, e serviu de estímulo para que os títulos da dívida externa brasileira mais negociados, os C-Bonds, chegassem a subir 4,5% após o anúncio. No fechamento, a cotação ficou em 58,125% do valor de face, com alta de 1,08%.

Nas bolsas de valores, um dia de realização de lucros

O mercado paralelo do dólar acompanhou ontem o comportamento da moeda americana no comercial e as cotações caíram até 10,5% em relação ao preço de venda cotado anteontem pelo dóleiros (R\$ 1,85). No fechamento do dia, o dólar chegou a ser negociado para venda a R\$ 1,65 em algumas casas de câmbio do Rio. Na ponta de compra a cotação também caiu e alguns doleiros chegaram a oferecer R\$ 1,45 pelo dólar, contra a média de R\$ 1,70 da véspera. Segundo alguns doleiros, a falta de real no mercado paralelo também contribuiu para a queda dos preços.

As bolsas de valores tiveram o primeiro dia de realização de lucros ontem, depois de seis pregões sucessivos de alta. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) encerrou o dia com queda de 1,79%. O índice IBV, da Bolsa do Rio, caiu 1,27%. A desvalorização da Bovespa em relação ao dólar caiu de 24,7% no último dia 29 para quase 12% ontem. O volume na Bovespa foi de R\$ 632,4 milhões.

A Bolsa de Nova York fechou em queda de 0,77%, liderada pelas ações da Microsoft, da Intel e de outras empresas do setor de informática, que, segundo os analistas, estão supervalorizadas. O mercado ficou atento também à reunião do Fed, que termina hoje, embora não acredite em mudança nas taxas. ■

Editoria de Arte

